



Segunda, 30 de Junho de 2014

CAPA

A ciência se curva

Estudos e pesquisas com bases científicas desenvolvidos no Brasil e no mundo tentam explicar (e entender) os fenômenos paranormais

Eliana Fonseca

O que há de inexplicável em nossas vidas? A perda de um ente querido, vítima de uma tragédia. As indagações existenciais. Uma descoberta da ciência de difícil entendimento para os simples mortais – vide a criação do Grande Colisor de Hádrons (LHC), no trabalho para achar a partícula de Deus. Outros encontram o incompreensível em alguns relatos de gente que entorta e move objetos com a força do pensamento. Naqueles que se comunicam por telepatia. Ou naqueles que têm a capacidade de prever fatos antes de acontecerem. Há aqueles que chegam aos hospitais e encontram o impensável – médicos e paranormais debruçados em um mesmo projeto, o de tentar associar as percepções extrassensoriais ao diagnóstico médico-hospitalar. O projeto em questão não faz parte de nenhum filme ou série norte-americana e, sim, está sendo desenvolvido no Brasil. Mais precisamente pelo Núcleo de Estudos dos Fenômenos Paranormais (NEFP) da Universidade de Brasília em parceria com o Hospital Universitário de Brasília (HUB) desde o início do ano. O projeto integra uma tendência de alguns cientistas e pesquisadores brasileiros: estudar, com seriedade e rigor científico, os chamados fenômenos extrassensoriais.

Certo, o pensamento recorrente é associar esses tipos de fenômenos à charlatanice ou à religiosidade. Porém, não é novidade que os Estados Unidos e a Rússia iniciaram, há bem mais de três décadas, estudos sobre o assunto. Há pesquisas que indicam que pelo menos 20% da população mundial tenha lidado com algum desses fenômenos no decorrer de sua vida. No Brasil, pelo menos três instituições de ensino renomadas, a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Universidade de São Paulo (USP) têm pesquisadores e projetos com foco nos chamados fenômenos paranormais. Há também o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (IPPP) e a Faculdades Integradas Espírita, no Paraná, que se debruçam em estudar o tema. “Cabe às pesquisas distinguir entre os que podem ser considerados fenômenos paranormais, daqueles que possivelmente estão associados a psicopatologias”, explica o físico Álvaro Luiz Tronconi, coordenador do NEFP.